

A dívida externa

Com seu programa de estabilização econômica obtendo bons resultados internamente, apesar de alguns problemas setoriais, o presidente Fernando Collor começa agora a tratar do espinhoso problema da dívida externa. A viagem da ministra Zélia Cardoso de Mello, neste fim de semana, ao Canadá — oficialmente para participar da assembléia anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) — será o primeiro contato do novo Governo com os credores do País, pois ela visitará também Washington, onde estão sediados o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial.

Para tratar do problema da dívida externa brasileira, Fernando Collor optou pelo bom-senso e tranqüilidade, deixando de lado qualquer postura demagógica que, na certa, lhe traria gordos dividendos políticos junto a considerável parcela da população. Abandonou também a posição de quase servilismo que marcou nossos negociadores em tempos recentes. Nem aceitar imposições unilaterais, nem abrir guerra com a decretação de moratória.

Nos seus pronunciamentos sobre dívida externa, o novo Presidente brasileiro tem assegurado — de maneira enfática, mas serena — que o pagamento de juros atrasados ou do principal da dívida só será feito depois de assegurado o crescimento interno. Esta disposição choca-se frontalmente com a política que vinha sendo adotada, apesar das críticas de ponderáveis setores da sociedade, até

pouco tempo: o resgate da dívida, aumentada por juros extorsivos, a um custo social muito pesado para o País.

O presidente Fernando Collor tem repetido que empregará na superação do problema da dívida externa brasileira o mesmo vigor utilizado para a implantação do Plano Brasil Novo, mas ressalta que a solução também virá através da negociação, como, aliás, ocorre agora nos seus freqüentes contatos com o Congresso Nacional para a aprovação das medidas provisórias que corporificam seu projeto de Governo.

O firme empenho que o presidente Fernando Collor põe em suas atitudes tem causado espanto, pois mal estamos saindo de um período de excessiva frouxidão, para não dizer desinteresse, no controle das ações do Estado. Este voluntarismo também lhe tem carreado muitas críticas, pois há quem veja na sua determinação de superar, rapidamente, todos os grandes problemas da nação laivos de autoritarismo.

O importante é que, no plano externo, esta firmeza se traduza em defesa da nossa soberania no momento de enfrentar os credores, muitos deles já regamente pagos por dinheiro emprestado em condições abusivas. É amplamente conhecido o desejo do presidente Collor de fazer o Brasil se aproximar, em níveis sócio-econômicos, dos países do Primeiro Mundo no exíguo prazo de seu mandato. Ora, a conquista desta meta está intimamente ligada à condução exitosa da renegociação de nossa dívida externa.